

Planeta Favela

Mike Davis,
São Paulo, Boitempo, 2006, 272 pp.

NATHALIA CRISTINA OLIVEIRA*

Planeta Favela não é um livro direcionado estritamente a estudiosos da questão urbana, mas sim a todos aqueles que aspiram eliminar as grandes desigualdades sociais existentes e estão preocupados em saber um pouco mais sobre as suas causalidades.

O texto de Mike Davis é muito provocativo. O leitor se depara aqui com as diferenças hiperbólicas entre o planeta favela (ambiente e condições em que a população urbana pobre sobrevive) e o *off world* (o “mundo de fora”, o mundo dos ricos). Após essa contraposição de mundos, aumenta-se a possibilidade de incômodo e de revolta com a realidade mundial. Assim, creio que a reflexão sobre a velha e importante questão: “o que fazer?” se torna obrigatória após esta leitura.

I

Mike Davis defende a tese de que a urbanização e o crescimento da população urbana acontecem atualmente em todo o mundo e a perspectiva para

o futuro é que esses fenômenos se intensifiquem, principalmente nos países de Terceiro Mundo.

Davis frisa que, apesar de os processos de urbanização se diferenciarem entre os países de Terceiro Mundo, é fato que as favelas urbanas se reproduzem em massa. Não é casual, portanto, que 78,2% da população urbana dos países menos desenvolvidos vivem em favelas.

Grande parte da população pobre urbana passa por problemas como o de não conseguir comer mais de uma vez ao dia e ter um consumo per capita diário de menos de 75 centavos de dólares. E mais: o dilema de viver no centro ou na periferia da cidade é constante e implica um cálculo complicado de considerações ambíguas. A muitos pobres urbanos resta apenas ocupar terrenos e prédios vazios ou viver nas ruas.

É neste contexto que aparece um novo mercado imobiliário, a saber, os pobres urbanos sublocam casas e barracos, de modo a explorarem os ainda mais pobres e conseguirem uma maneira de

* Mestranda em Ciência Política na Unicamp.

viver com um pouco mais de recursos. Essa situação faz com que grande parte da população pobre se torne locatária e não “invasora” de terrenos no sentido tradicional. Ao demonstrar a existência destes “locatários invisíveis”, Davis dá provas de que não parte de uma idéia simplista e maniqueísta em que os trabalhadores são bons e os capitalistas malvados. O autor demonstra como a lógica do capitalismo contemporâneo individualiza e isola os membros de uma classe. Noção de classe, aliás, que os indivíduos não enxergam e todos tentam individualmente melhorar suas condições de vida.

Em contraposição a esse planeta favela, Davis apresenta o *off world*, o mundo dos ricos. A nova tendência global desde o início de 1990 tem sido o crescimento explosivo dos condomínios fechados com toda a sua “arquitetura do medo” (cercas elétricas, seguranças etc.). Davis demonstra como esses condomínios e seus moradores (elites desenraizadas do Terceiro Mundo) buscam uma “vida real de imitação” modelada segundo imagens televisivas de um mitificado sul da Califórnia. A construção de vias expressas tem sido condição *sine qua non* para a suburbanização da riqueza. Assim há cada vez menos a intersecção entre a vida dos ricos e a dos pobres.

II

As políticas habitacionais populares no Terceiro Mundo são, em geral, um fracasso. O papel minimalista dos governos nacionais na oferta de mora-

dias foi reforçado pela atual ortodoxia econômica neoliberal definida pelo FMI e Banco Mundial. Os Planos de Ajuste Estrutural (PAEs) exigiram a redução dos programas governamentais e, muitas vezes, a privatização do mercado habitacional, cortando assim qualquer possibilidade de subsídios para a população pobre.

Enquanto o Estado e o Banco Mundial brincam de “boa governança”, os pobres são empurrados cada vez mais para as favelas. A inflação do preço da terra e o desemprego ou subemprego explicam o inchaço nas favelas do Terceiro Mundo.

O “higienizar” – nos termos de Davis o “hausmannizar” – é algo muito freqüente nos países do Terceiro Mundo, principalmente quando ocorrem eventos internacionais de alto nível, como as visitas de dignitários, eventos esportivos e festivais internacionais. Os pobres temem esses eventos porque sabem que as autoridades se reúnem para fazer a “limpeza da cidade”: remoção de favelados que estejam em locais visíveis demais e a repressão aos vendedores ambulantes e aos trabalhadores informais.

III

Os capítulos 6 e 7 são os pontos altos do trabalho de Davis. No capítulo 6, Davis escancara ainda mais a realidade dos pobres urbanos dos países do Terceiro Mundo. Já no capítulo 7, são revelados os grandes responsáveis pela situação de miséria por qual passa grande parte da população global.

Mike Davis se auto-define como “*marxist-environmentalist*”. Em *Planeta Favela* isso talvez possa ser entendido quando aparecem as relações entre o meio ambiente e a sociedade, ou ainda, na descrição dos impactos dos fenômenos naturais e ecológicos nas diferentes classes sociais.

De acordo com Davis, os pobres trocam a segurança física e a saúde pública por terrenos que ofereçam proteção contra o aumento do valor da terra e alguma garantia contra o despejo. Daí o porquê de os pobres viverem, geralmente, em vulcões, montanhas de lixo, beira de estradas e várzeas sujeitas a inundações.

Tanto os deslizamentos, enchentes e, principalmente, os terremotos realizam uma auditoria bem precisa da crise habitacional urbana, já que são justamente as habitações construídas com material de má qualidade as que são mais atingidas pelos “acidentes” ambientais. Devido a isso, aparece o neologismo “*classemoto*”, referindo-se ao padrão tendencioso de destruição dos terremotos, a saber, as casas dos mais pobres. Apesar de tudo isso, o que tira o sono dos pobres urbanos não são os terremotos ou as cheias, mas sim o fogo. Os incêndios acidentais e criminais são constantes nas favelas.

As cidades africanas e do sul asiático têm problemas sanitários gravíssimos; há favelas que não têm nenhuma latrina. A “solução” para a crise sanitária encontrada pelos neoliberais foi transformar os banheiros públicos em pontos de arrecadação para pagar a dívida externa e muitos desses banheiros foram privati-

zados. Dessa maneira, os banheiros pagos são minas de ouro de lucratividade e crescem cada vez mais nas favelas do Terceiro Mundo. O problema da falta de água nesses países também foi “solucionado” pelo Banco Mundial através da privatização. O preço da água aumentou tanto que as famílias pobres têm de recorrer a fontes de água pouco segura, o que aumenta a possibilidade de contrações de doenças.

O modelo de capitalismo neoliberal limitou muito os gastos estatais com políticas sociais. Assim sendo, o PAE tem sido literalmente uma diferença de vida ou morte para milhões de pessoas. Vide o exemplo dos países africanos, que pagam bilhões de dólares anuais de serviço de dívida externa, enquanto isso reduzem tanto a assistência médica quanto os investimentos em educação. O importante é lembrar que esses países são os mais afetados pela AIDS e HIV, e por isso o investimento em saúde e educação seria fundamental.

Os PAEs africano, asiático e latino-americano aparecem como os principais fatores que contribuam – e contribuem – para a favelização do mundo e a evolução da pobreza urbana. Na verdade, os planos de ajuste estrutural são ferramentas utilizadas pelo FMI e Banco Mundial para garantir a consolidação e expansão do modelo neoliberal.

O capitalismo neoliberal cada vez mais “aprofunda os vales e eleva os picos” das diversas topografias sociais mundiais. Os pobres se tornam mais pobres, assim como parte da classe média se vê

nas fileiras dos novos pobres. Enquanto isso, os mesmos ajustes apresentam outras conseqüências com oportunidades lucrativas para privatizadores, importadores estrangeiros, narcotraficantes, oficiais militares e políticos.

Há uma mobilização de toda a família: os homens subcontratados trabalham mais e ganham menos, as mulheres se lançam no setor informal e até mesmo as crianças deixam de freqüentar a escola para poderem trabalhar. Contudo, as condições de vida das famílias pioram. Assim, notamos que as famílias do Terceiro Mundo "ajustaram-se ao ajuste" de modo que fica limitada qualquer estratégia de se ter uma mobilidade social a longo prazo. Tem-se, então, o desajustamento do Terceiro Mundo.

A existência de uma humanidade excedente que se enquadra tanto na marginalidade urbana quanto na marginalidade ocupacional (setor informal) representa a verdadeira crise do capitalismo. Isso porque, de acordo com Davis, o exército industrial de reserva não pode ser mais incluído na economia ou na sociedade, e a pobreza aumenta cada vez mais. Assim, Mike Davis questiona se os favelados se revoltarão com esta situação ou se competirão entre si pelos restos informais até que se aniquilem mutuamente.

Os neoliberais começam a refletir sobre as conseqüências geopolíticas de um planeta favela. Aliás, de acordo com Davis, o Pentágono já ousou pensar e por isso já se prepara para a batalha com o futuro inimigo: as megafavelas do Terceiro Mundo. Os socialistas precisam refletir mais seriamente sobre como incorporar a massa de pobres urbanos à luta política organizada.

IV

O livro de Davis é bastante descritivo e informativo. Sua discussão é muito atual e suas previsões parecem estar na direção correta. Pensando no caso brasileiro e especificamente na cidade de São Paulo, temos que as favelas paulistanas cresceram na década de 1990 no ritmo explosivo de 16,4 % ao ano. Hoje sabemos, de acordo com uma pesquisa da prefeitura de São Paulo e financiada pelo Banco Mundial, que um em cada seis paulistanos vive em favela. Tudo isso corrobora a tese de Davis de que as favelas crescem a um ritmo acelerado. Davis afirma que, a partir da década de 1970, o crescimento das favelas no hemisfério sul ultrapassou a urbanização propriamente dita, ou seja, as favelas crescem mais rápido que as próprias cidades. Assim, o futuro do planeta será um só: um planeta favela.

OLIVEIRA, Nathalia Cristina. Resenha de: DAVIS, Mike. Planeta Favela. São Paulo: Boitempo, 2006, 272 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.26, 2008, p.187-190.

Palavras-chave: Favelas; São Paulo; Urbanização.